

Editorial

Este número de Estudos Bíblicos tem por tema o querigma. No Novo Testamento, este termo indica o anúncio de Jesus Cristo, especialmente aos que ainda não o conhecem. Daí a distinção entre querigma (anúncio) e catequese (ou doutrina, ou ensino), dirigida aos cristãos já incorporados na comunidade eclesial. Distinção equivalente se fazia entre missão, dirigida aos não-cristãos, e pastoral, voltada para o “rebanho” já reunido na Igreja.

Essa distinção perdeu muito do seu valor, porque hoje também os cristãos, vivendo num mundo secularizado, que questiona continuamente sua fé, necessitam voltar às bases dessa mesma fé e ao primeiro anúncio de Jesus. Por isso, hoje se fala, preferentemente, de evangelização, indicando assim que não se pode fazer “pastoral” sem enfatizar suas razões e raízes, que estão no Evangelho; nem se pode fazer “missão” apenas com o anúncio, mas envolvendo também o testemunho da Igreja toda.

De qualquer forma, a necessidade de dar nova clareza e eficácia ao anúncio de Jesus Cristo – ou, e é a mesma coisa!, de dar novo ardor missionário à ação da Igreja – está se impondo na consciência cristã. Para a Igreja católica, a necessidade de uma “nova evangelização” foi tema de Santo Domingo (1992), bem como do Sínodo europeu de 1991 e de numerosos documentos papais (Christifideles laici, 1988; Redemptoris missio, 1991) e da Santa Sé (Diálogo e Anúncio, 1991), mas nem sempre o conceito de “nova evangelização” parece ter alcançado a desejável clareza. Certos movimentos eclesiais têm ardorosamente defendido a necessidade de uma nova evangelização para o 3º milênio e de uma ênfase sobre o anúncio ou querigma, mas não escapam de discutíveis simplificações do problema, como quando reduzem o anúncio a proclamar o nome de Jesus ou pretendem preparar em cursos de dez dias novos evangelizadores.

O querigma exige, por isso, um esclarecimento mais profundo. E o Novo Testamento, naturalmente, pode oferecer os elementos originários e autênticos desse aprofundamento.

O querigma não é, antes de tudo, um anúncio qualquer de Cristo, mas é um anúncio situado e dialógico.

É um anúncio situado, porque se realiza sempre numa situação histórica e cultural determinada, dirigindo-se a comunidades e pessoas que possuem uma certa visão do mundo, uma certa expectativa da revelação divina, uma procura do sentido de sua vida e da realidade, marcadas pelas circunstâncias em que se encontram.

É, por consequência, um anúncio dialógico, como aliás dialógica é toda a revelação de Deus à humanidade (cf. Dei Verbum, 2). O anúncio não é uma mensagem unidirecional. O anúncio é mensagem dirigida a um interlocutor. É um apelo à sua liberdade. É um convite à pessoa (ou ao grupo) para que se abra a novas perspectivas de vida e, aceitando-as, reestruture sua própria existência, direcione segundo novos rumos a sua vida ("conversão"). Não podemos, inclusive, ignorar que no ouvinte, que escuta o anúncio de Cristo e do seu Evangelho, o Espírito Santo já pode estar presente e ter posto aqueles "semina Verbi", aqueles germes da Palavra divina, que serão um elemento importante da aproximação ao Evangelho.

Com isso já insinuamos que o querigma não é apenas mensagem doutrinária ou mera informação, mas uma palavra que envolve toda a pessoa – tanto do anunciador (o quéryx, o evangelizador) quanto do ouvinte (o evangelizando). É uma experiência não apenas cognitiva, mas afetiva e existencial, que se realiza numa mudança de atitude e de vida.

Naturalmente, como toda experiência humana de comunicação, o anúncio encontra seus obstáculos. Superficiais alguns, mas mesmo assim perigosos para a eficácia do anúncio. Profundos, outros, quando a mensagem evangélica esbarra no pecado humano, em estruturas de valores opostos aos que Cristo propõe. O querigma pode não ser entendido. Não só. Pode ser conscientemente recusado.

Mas o pecado não está apenas do lado do ouvinte. Também o evangelizador pode falhar. Entre as muitas falhas possíveis, lembramos aqui a mais grave: a de que o anunciador se esqueça de que ele é apenas o "arauto" (quéryx) ou portador da mensagem, cujo autor é o próprio Deus. Se o anunciador não se deixar ele mesmo "tocar" pelo Evangelho, se não descobrir ele mesmo o valor da pessoa de Cristo e não se apaixonar por ela, dificilmente o anúncio poderá acontecer. Um pregador humano que apenas repita suas opiniões não deixa espaço para que realmente Deus fale.

Dentro dessa perspectiva, apenas esboçada, pode-se entender melhor a riqueza das contribuições desse número de Estudos Bíblicos:

- **AIRTON J. DA SILVA**, evocando a história do judaísmo dos séculos que precedem Cristo, ilustra a situação em que se deu o anúncio do Evangelho por Jesus e pelos seus discípulos.

- **LEONARDO ALANATI** complementa o estudo da situação do querigma cristão, ilustrando o proselitismo judaico na época do Novo Testamento.

• **GENILMA BOEHLER** põe em evidência a dimensão missionária de um texto de João (Jo 15), mostrando como ele traz embutidos os traços de uma visão eclesial voltada para a evangelização e o anúncio.

• A dinâmica querigmática em que o texto do anúncio se expressa e se realiza, visando a suscitar uma ação entre os ouvintes, é ressaltada por três colegas e amigos: **MIGUEL ANGELO GUIMARÃES JULIANO**, que ilustra globalmente, à luz da hermenêutica recente, o caráter dinâmico dos textos querigmáticos; **GERALDO DÔNDICI VIEIRA**, que aplica esse enfoque à interpretação de Mc 9,2-8; **WALMOR OLIVEIRA DE AZEVEDO**, que ilustra a dinâmica penitencial da conversão cristã a partir de Ap 2,5a.

• **ALBERTO ANTONIAZZI**, analisando três discursos dos Atos, mostra como o querigma atribuído a Paulo se adapta às diversas culturas, num esforço que hoje diríamos de “inculturação” do Evangelho.

O papel do evangelizador ou *quéryx* é abordado sob diversos ângulos por **NILSON FARIA DOS SANTOS**, que propõe um exame de consciência para o evangelizador a partir do livro de Jonas. Também é abordado por **JOSÉ LUIZ GONZAGA DO PRADO**, que mostra como o apóstolo Paulo se deixa evangelizar por seus ouvintes.

O último artigo é de **ALBERTO CASALEGNO**, sobre exorcismo, evangelização e Reino de Deus nos escritos de Lucas. É uma pesquisa, e portanto se diferencia do caráter mais pastoral dos outros artigos.

Queremos agradecer, de modo especial, ao rabino Leonardo Alanati a sua colaboração. Foi a primeira e esperamos que não seja a última! Ela contribui para uma visão mais realista e positiva do judaísmo. Dessa visão temos bastante necessidade, porque nem mesmo todos os artigos deste número escapam de generalizações negativas sobre o judaísmo do tempo de Jesus e sobre o farisaísmo. Generalizações injustas que devemos superar por amor à verdade e aos irmãos do povo da aliança.

Apesar de uma ou outra falha, cremos, contudo, que o nosso número aborde de forma bastante completa os diversos aspectos do querigma, considerando – numa variedade de enfoques – os principais autores do Novo Testamento: Mateus, Marcos, Lucas, João; os Atos do Apóstolos; Paulo; o Apocalipse.

Tudo isso contribuiu para aumentar o tamanho do número 39, mas também lhe assegurou a qualidade. Esperamos que seja bem aproveitado e que o Novo Testamento inspire uma evangelização realmente nova.

Alberto Antoniazzi